

Pensar (s) (e) (m) imagem

Take 01

Por que escrever um texto para uma exposição?

Take 02

Teu corpo e(m) paisagem: o deleite do corpo na paisagem.

O corpo esmaece com o torpor do deserto. Por alguns segundos, o corpo parece levitar. Cai e racha-se *COMO* o solo. Solo craquelado de fendas por onde escorrem os pensamentos.

Take 03

Teu corpo e(m) paisagem: o deleite da paisagem no corpo.

O Corpo robusto torna-se húmus. O cheiro verde de grama. Musgos entre os dedos, nos lábios, nos ouvidos. Penetra, repousa, e, por fim, dilui-se. Rachos do corpo por onde se espraiam os musgos.

Take 04

Como pensar o avesso?

Como pensar ao avesso?

O avesso da palavra. O avesso da linguagem. O avesso do corpo. O avesso do sopro.

O habitat criado pelo corpo das paisagens.

O habitat criado pelas paisagens do corpo.

O avesso do avesso do avesso do avesso do avesso do avesso do avesso do que não tem avesso?

Take 05

... Ana Mendieta, Bas Jan Ader, Bruce Nauman, Carolee Schneemann, Dennis Oppenheim, Franz Erhard Walther, Hans Breder, Helen Chadwick, Hélio Oiticica, Klaus Rinke, Mary Beth Edelson, Naomi Fisher, Peter Campus, Rebecca Horn, Richard Long, Robert Smithson, Walter de Maria, Yasumasa Morimura...

Take 06

Pensar o corpo biológico aliado ao corpo cultural: como sistema.

Via de mão dupla, corpo que se contamina a partir das relações que inventa.

Vale aqui citar as palavras de Christine Greiner ao falar sobre o biólogo Jakob Von Uexküll e a noção de *Umwelt*:

“... as espécies vivas, da bactéria ao homem, não são corpos-máquinas, mas sujeitos aptos a construir um mundo singular a partir das complexas relações que estabelecem com o ambiente onde vivem”.

Take 07

Cinema Moverdiço: Camadas Espaço-Temporais: Corpo.

Take 08

Talita Caselato, em *Cair*, evoca a terceira margem de Guimarães Rosa. A imagem, como o pensamento, escorre em um sempre presente. A organicidade fluida do que se vê, a câmera rasteira e a água corrente, desestabilizam o olhar. Por vezes, a água parece subir de nível verticalmente. Noutros momentos a correnteza nos leva para dentro da imagem. Essa instabilidade “flutua” o espectador para a iminência do abismo, como um espelho que confisca o que reflete e reflete o retorcido, algo não representável. A vertigem daquilo que escapa – sensação deflagrada pelo vídeo – é também a possibilidade inventiva do próprio ato de criação.

Em *Mergulho da Paisagem*, de Waléria Américo, temos um plano fixo semelhante às composições clássicas de paisagem. O espectador adentra na composição através de um olhar contemplativo. Olhar assegurado pela frontalidade e estabilidade do plano. Porém, o achatamento da imagem, “recurso” caro ao cinema moderno, é contraposto ao ato de arremessar pedras na paisagem. Tais arremessos, efetuados pela artista em quadro, rasga o plano frontal da imagem e nos remete a outra noção cinematográfica, a profundidade de campo tão explorada no cinema clássico.

A nova visão de mundo instaurada pelo cinema pós-guerra, no que diz respeito à imagem plana e sem profundidade, é também retomada por Bruno Faria em seu vídeo *Lux*. Porém, nesse caso, ocorre uma operação inversa ao trabalho de Américo. A profundidade de campo em *Lux* é revelada, enquanto farsa, pela fumaça que irrompe no vídeo. É a fumaça, e em seguida o fogo, que anuncia a bidimensionalidade da imagem. O plano raso, a tela, a fotografia, a sobreposição, a metalinguagem.

Take 09

Como esgarçar as margens das imagens?

Take 10

O *Take 05* poderia ser mais extenso, até mais generoso. Poderia ter seu tempo alongado, distendido. Não foi o caso.

Porém, fez com que eu lembrasse um episódio:

Em 2007 deparei-me com o trabalho de Mara Álvares, na exposição *Arte Como Questão - Anos 70*, com curadoria de Glória Ferreira. O trabalho fazia parte da série *Adansônia*. Fiz uma breve pesquisa e lembro que pouco encontrei sobre a artista e seus trabalhos. A exposição foi um garimpo. Ao apresentar uma quantidade considerável de artistas fora do eixo, relativizou a própria “paisagem histórico-cultural-econômica...” construída, de forma arbitrária, por esse mesmo eixo.

Uma exposição pode e deve ser uma fenda. Pode e deve abrir fissuras para outras paisagens. É por aí, também, que a centralidade do discurso deve “des - hierarquizar-se”.

Take 11

Arte e Poder: Ou, como fabricar paisagens?

Take 12

City Tour, vídeo de Bruno Faria, lida com a construção identitária das cidades e suas culturas. O artista se apropria de uma propaganda turística que apresenta uma cidade “ideal”. Porém, o áudio referente à propaganda é substituído por sons capturados no centro da cidade. O trabalho lida com os estereótipos e bens simbólicos criados discursivamente através da mídia. A “cidade fictícia”, apresentada pela propaganda, é contraposta com áudios – não menos clichês que as imagens. Ao re-significar esses clichês, o artista revela a cidade por outro viés.

Acima do nível do mar, de Waléria Américo, talvez seja o único trabalho da exposição que efetivamente intervêm – *in situ* – na paisagem. A ação minimalista de empilhar tijolos culmina na

construção de um mirante. O monobloco de tijolos, corpo esculpido à beira-mar, possibilita a mirada além do horizonte. A artista investiga o avesso da paisagem, aquilo que escapou.

Também com ação mínima, Talita Caselato, em *COR*, repete o ato de jogar uma bola colorida ao espaço. O enquadramento e a sobreposição das imagens – efetuada na edição do vídeo – busca oxigenar as possibilidades pictóricas atuais. O vídeo parece afirmar: “eu não acredito naqueles que insistem em anunciar a morte da pintura”. No entanto, ele sussurra: “Tampouco “acredito” que a força pictórica encerra-se no que insistem em chamar de pintura”.

Take 13

A primeira pessoa, eu. O pronome possessivo, teu.

Agora na TEIA assisto ao vídeo que documenta o Beam Drop. A leveza de um jogo de varas, lúdico. O impacto avassalador do terremoto humano, possível.

Sonidos fincados na carne. Na terra. Na paisagem.

Estrondo. A sensualidade do corpo de vigas fazendo-se paisagem.

E a Ana fala: Papai, estou fazendo uma sopa de estrelas, de sol, de lua, de água do mar, de dente de jacaré banguela...

Talvez seja o avesso de quem coisifica o supostamente incoisificável.

A primeira pessoa, nós.

Take 14

Definitivamente, escrever um texto para uma exposição não é explicar as obras expostas.

Yuri Firmeza

Agosto de 2009